



Revista Aspas
ppgac - USP

DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v12i1p2-8

Editorial

**AS ARTES DA CENA
NA FRONTEIRA DA
SAÚDE E DA
EDUCAÇÃO: cuidado,
clínica e criação**

Editorial

**Fabricio Goulart Moser
Maíra Gerstner**

Em busca daquilo que podemos ser: pensando além das fronteiras entre as artes da cena, a saúde e a educação

Fabricio Goulart Moser¹

Maíra Gerstner²

A *Revista Aspas* apresenta o dossiê ***As artes da cena na fronteira da saúde e da educação: cuidado, clínica e criação***, uma edição que celebra e divulga o trabalho de pesquisadores e artistas com sólida, histórica e progressiva atuação na interface entre esses campos da experiência humana. A publicação deste número acompanha os efervescentes debates e pesquisas acadêmicas contemporâneas a respeito das conexões entre a cena, a educação e a saúde, e a franca expansão da produção artística, pedagógica e clínica que se inscreve sob tais contornos e contaminações no Brasil e no mundo. Estimular estudos brasileiros sobre práticas que assumam e performem essas fronteiras, e movimentar e construir diálogos produtivos entre esses e outros saberes é uma ação fundamental para o presente, além de lançar perguntas ao porvir, apostando no desenvolvimento e na consolidação de um campo fértil para a emergência desses cruzamentos na cena artística contemporânea.

Os textos aqui apresentados têm em sua natureza vocações singulares e plurais no que se refere à forma como enxergam e realizam as conexões entre arte, educação e saúde, foram escritos a partir de obras ou de práticas ligadas ao teatro, à dança e à performance e, em sua maioria, sob óticas

¹ Ator, diretor, professor e pesquisador das artes da cena. Aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Desenvolve, desde 2007, junto a instituições públicas e privadas do Brasil, projetos, eventos e oficinas artísticas envolvendo o teatro, a educação e a saúde de públicos neurodiversos, neurotípicos e de pessoas com deficiência. Coordena a especialização “Artes Aplicadas na Promoção da Saúde” e, desde 2018, leciona em diferentes cursos de especialização do CBI of Miami.

² Psicoterapeuta corporal, professora, pesquisadora e artista oriunda do teatro, vem atuando na interface entre arte, educação e clínica desde 2013, ministrando cursos e workshops entre Brasil e França, tendo como principal influência o legado da artista brasileira Lygia Clark. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP) e realiza seu doutorado sanduíche na Universidade de Paris 8, Vincennes Saint-Denis (França).

transdisciplinares. O grupo de artigos, cuja autoria é predominantemente feminina, está voltado à reflexão sobre processos artísticos oriundos dessas linguagens, e se relaciona, em diferentes níveis, com noções ampliadas de educação e saúde. Alguns escritos surgiram a partir das escolas de formação artística superior, em projetos de ensino, pesquisa e extensão, pensando na atuação dos futuros artistas da cena, e outros apresentam resultados de processos de criação vivenciados em espaços institucionais de saúde e nos mais diferentes contextos, analisam obras, refletem sobre espetáculos, entrevistam criadores e valorizam legados artísticos, expandindo a estrutura conceitual que compõe este dossiê.

A *Revista Aspas* encontra, neste conjunto de textos reflexões ampliadas acerca das relações entre artes da cena, a saúde e a educação, trabalhos que, a partir de experiências artísticas e investigações teóricas, se lançam nessas fronteiras e produzem inquietações que expandem o debate dentro e fora desse campo de estudos em formação. As artes da cena se tornaram territórios férteis para a criação de práticas transdisciplinares, uma vez que os processos artísticos ultrapassaram as fronteiras dos contextos formais e informais da arte e da educação e construíram relações profícuas com práticas oriundas de áreas da clínica e do cuidado. Tais produções assumem uma postura ética-estética diante de suas práticas e contribuem de maneira original para pensar sobre seus imbricados caminhos e produzir pontes, diálogos, trocas, encontros e reflexões, tornando os limites entre tais disciplinas cada vez mais porosos. A ideia, portanto, é observar como tais diálogos se instauram, tendo em vista a cena sempre como algo fundamental em todos eles.

A edição começa com a tradução de um artigo de Isabelle Ginot e Julie Nioche, publicado originalmente em 2021, no qual as autoras apresentam uma reflexão sobre a atuação de profissionais da dança e da educação somática em diversos tipos de instituições de cuidado na França. Em “Cuidar dos imaginários e das situações”, as autoras descrevem os contextos de tais instituições ao mesmo tempo em que problematizam alguns pressupostos do que entendemos por dança. Assim, ao cuidar dos imaginários, através do

corpo e das situações, como um outro tipo de coreografia, nos convidam a pensar uma outra dança para o nosso tempo.

No texto “Clínica Somático-Performativa: afeto como método”, a artista e pesquisadora Tania Alice introduz uma série de atividades realizadas sob sua orientação e que deram origem, em 2018, ao projeto Clínica Somática-Performativa, vinculado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde é professora. Neste artigo, a autora toma como foco particular experiências de arte relacional desenvolvidas em uma disciplina ministrada em 2022, cujo percurso pedagógico foi inspirado pela seguinte questão: “O que você gostaria de aprender e nunca teve oportunidade?”. De maneira cartográfica, ela situa conceitos e práticas somáticas, performativas e meditativas que são a base de um projeto original que usa o afeto como método para criação de poéticas de cuidado em sala de aula.

Tarina Quelho nos apresenta o contexto de uma sala de aula, em uma escola de formação de artistas da cena, como um espaço potente de criação artística no artigo “A cena, o performer, a coisa, a sala de aula: notas metodológicas”. Peso, contorno, volume e movimento são alguns termos chave que aparecem na vivência destes corpos, que questionam o que ainda pode a cena e que presença é necessária para ativar essa pergunta. Neste contexto, a partir de um mergulho sensorial realizado através da prática do *Body Mind Centering* (BMC), a autora compartilha algumas estratégias pedagógicas por ela utilizadas como professora na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo (USP).

O artigo “Anna Halprin: uma trajetória de desestabilizações rumo a práticas criativas que celebram a diferença”, contribuição das artistas e pesquisadoras Marcia Berselli e Natália Soldera, apresenta ao público de língua portuguesa o legado da dançarina e educadora norte-americana Anna Halprin (1920-2021). Tendo como base a biografia *Anna Halprin: experience as dance* (2007), ainda sem tradução para o português, o texto destaca a trajetória, as principais influências e os trabalhos promovidos pela artista ao longo da vida. Com foco nas desestabilizações de normas e padrões éticos e estéticos, promovidas por Halprin em suas poéticas, o texto toca em temas como a diluição de fronteiras e as etapas tradicionais do processo criativo, a

flexibilização da conduta do dançarino e a valorização da diferença e da pluralidade na promoção da cura.

O texto “Ateliê de Teatro Circulando em bodas de zinco” é assinado por Adriana Bonfatti, Joana Ribeiro, Aline Vargas, Airton Assunção, Lorena Lima, Paulo Motta Martins e Sarah Sanfins, artistas pesquisadores ligados à UNIRIO. O artigo passa em revista a significativa trajetória da Oficina de Teatro Circulando, projeto de extensão que ocorre formalmente desde 2013 na universidade e envolve, além da comunidade da Escola de Teatro, alunos e professores do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No relato das experiências, o texto partilha alguns pressupostos de seus processos artísticos e pedagógicos com pessoas neurodiversas, especialmente autistas, e trata dos desdobramentos de suas práticas no contexto da pandemia da Covid-19.

Em “A criação da dimensão clínica da dança *com* pessoas autistas”, a artista e pesquisadora Silvana Rocco Ferreira coloca em foco parte da sua longa experiência artística e pedagógica com este público no Rio de Janeiro. Ao afirmar uma dimensão clínica para a dança, a autora situa sua pesquisa em diálogo com as vivências sociais com autistas mobilizadas pelo educador francês Fernand Deligny durante a segunda metade do século XX. Partindo das relações entre modos de ser e modos de dançar, ela traça interessantes reflexões sobre o corpo e o gesto do terapeuta da dança, a respeito da colaboração, da escuta e da desterritorialização do sujeito, abrindo espaço para uma proposta original no que se refere à existência de uma gestualidade autista.

Já em “Bordado de Corpus: os silêncios nos praticam”, Maria Helena Bastos nos apresenta uma reflexão sobre um projeto artístico que parte da ação de bordar e da sua intervenção no espaço público, especificamente na maior metrópole do Brasil, a cidade de São Paulo. Esse trabalho busca compreender como o corpo, ou melhor, os corpos são convocados pela ação milenar do bordar e, ao mesmo tempo, homenageiam outros corpos que tiveram suas vidas ceifadas pela violência do mundo contemporâneo.

Em “Upuahu iwi i pe – sonhar o chão com os pés no chão”, Ruth Torralba compartilha um testemunho oriundo de uma experiência vivida em

um ritual Guajajara, no espaço singular da Aldeia Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro. A autora analisa como a transmissão de um saber ancestral guardado pelas mulheres daquele povo e a sua realização em uma aldeia urbana operam como reparação das feridas de um corpo-território marcado pela colonização.

O cativante manuscrito “Um roteiro-memória-reflexão sobre os 14 anos de prática médica e teatral comunitária: do hospício do Engenho de Dentro ao Teatro-Clínica DyoNises” é escrito em forma de peça de teatro e assinado por Vitor Pordeus, Thiago Beck, Fabio Ariston, Nando Rodrigues, e Jaswant Guzder. Estruturado em sete cenas, além de prólogo e epílogo, o texto entrelaça de modo performativo e autobiográfico as vivências do artista e psiquiatra Vitor Pordeus no Rio de Janeiro, abordando a saúde, a comunidade e o teatro. Arcabouço teórico, memórias e anotações do artista revelam vozes que costuram uma dramaturgia e instauram diálogos poéticos que refletem a dimensão cenopoética de suas práticas e experiências e a força de seu diálogo com o mundo.

Elisa Band assina o texto “Sempre à beira de se tornar coisa”, no qual analisa os espetáculos *Gentil unicórnio* e *O animal*, ambos da dramaturga, diretora e performer italiana Chiara Bersani, apresentados em São Paulo em 2022. A partir desta análise, a autora deflagra as estratégias de criação utilizadas pela artista, que convive com uma doença rara e que se interessa pela dimensão política da interação de seu corpo, considerado atípico, na sociedade contemporânea.

Por fim, encerramos o dossiê com a entrevista ao ator João Vicente, realizada por Mar Yãm Mordente, sobre o processo de criação da peça *A ilha do farol*. Depois de receber o diagnóstico de ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica) e passar por uma perda gradual de seus movimentos em meio à pandemia da covid-19, João Vicente começou a se entender como morador de uma ilha. A questão da doença em Nietzsche, percepção, porosidade, antiteatro, arte-vida, teatro como a arte do encontro e a experiência do ator nos convocam para uma revisão de pressupostos já tão bem estabelecidos acerca de nossos entendimentos sobre corpo, saúde e criação.

Seria possível então afirmar, a partir do escopo dos textos reunidos nesta edição da *Revista Aspas*, que o futuro das relações entre a arte, a educação e a saúde é o entrelaçamento dos campos? Ou então, este é, na medida em que vemos as fronteiras a cada dia se borrarem mais, apenas um dentre os muitos caminhos da cena contemporânea? Quais seriam as especificidades de cada campo e linguagem nesses diálogos e contaminações? E o que fazer quando tais particularidades não derem mais conta daquilo que vivenciamos no corpo? São algumas das questões que, nos parecem, precisam alimentar a pesquisa e as práticas que se aventuram nos limites desses campos. Se Spinoza nos legou a pergunta “O que pode o corpo?”, com este dossiê nos perguntamos: O que pode a cena? E em que medida ela afeta os corpos quando se arrisca a criar entre as fronteiras que conectam a arte, a clínica e a educação?

Longe de encerrar esses e outros questionamentos que venham a surgir pela atuação nesse território transdisciplinar, esperamos, com a divulgação desses estudos, que novas perguntas nos surjam e que elas nos façam refletir sobre um campo criativo de estudos em desenvolvimento e formação. Como diria Nise da Silveira, em uma das suas cartas a Spinoza:

Podemos realizar pesquisas em torno de nós e em nós mesmos, mas não alcançaremos a compreensão da natureza infinita, pois somos finitos. Conhecer as limitações para então tentar superá-las. Eis o belo itinerário que você nos aponta. (SILVEIRA, 2020, p. 32)

Acreditamos que os textos apresentados seguem nessa trilha deixada por Spinoza e Nise, mas também por tantos outros nomes que nos deixaram itinerários traçados entre a arte, a educação e a saúde para essa constante pergunta sobre aquilo que podemos ser.

Bibliografia

SPINOZA, Benedictus de. *Ethica/Ética*. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVEIRA, Nise da. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente: Hólos, 2020.